

O SENTIDO DA COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM ENTRE OS CARISMÁTICOS DE FORTALEZA¹

Neste artigo, discuto a importância do Shalom para a Renovação Carismática Católica (RCC) em Fortaleza², o que representa para os adeptos pertencer a esta comunidade e porque fazer parte dela opera efeitos tão importantes na vida de seus membros, fazendo com que eles se declarem fortes, confiantes e protegidos para enfrentar os problemas da vida. Para entender esta relação do fiel com a comunidade, analiso seu dispositivo simbólico, as bases em que ele se assenta e o envolvimento das pessoas nela, apresentando os itinerários religiosos dos carismáticos ou o que eles denominam a “caminhada”³, com a finalidade de apreender, pelo menos parcialmente, o seu significado. Assim, a partir das representações e das práticas que emergem no seio da comunidade, examino o sentido que ela tem entre os carismáticos, especialmente, entre seus adeptos, considerando as observações de Max Weber sobre o carácter de ação comunitária da religião, que nos permite compreender o sentido através das vivências, das representações e dos fins subjetivos dos indivíduos (WEBER, 1991: 279). Segundo Weber, é preci-

ROSEANE FREITAS NICOLAU *

RESUMO

Este artigo discute o engajamento e a relação dos fiéis com a Comunidade Católica Shalom, destacando a importância desta para a Renovação Carismática em Fortaleza. Tomada como tipo ideal no sentido weberiano, analisamos a comunidade como um lugar social de extrema importância para a reconstrução de identidades religiosas, considerando, de acordo com Weber, o carácter de ação comunitária da religião, que nos permite compreender o sentido, através das vivências, das representações e dos fins subjetivos dos indivíduos. Para apreender as representações do fiel em relação à comunidade, analisamos seu dispositivo simbólico, as tramas de sentido em que ela se assenta e o envolvimento das pessoas nela, apresentando os itinerários religiosos dos carismáticos ou o que eles denominam a “caminhada”, com a finalidade de apreender, pelo menos parcialmente, o seu significado.

ABSTRACT

This paper discuss the commitment and the relation of the faithful with Shalom Catholic Community pointing out its importance to the Catholic Charismatic Renewal in Fortaleza. Considered as ideal in weberiane sense we analyze the community as a social place of extreme importance for the rebuilding of religious identities, taking into account according to Weber the aspect of religious community action, allowing us to understand through experience the meaning of the representations and subjective intentions of the individuals. To learn the representations of the faithful in relation to the community we analyze its symbolic structure, the sense lattice in which it is basic and the people involvement, presenting the religious itinerary of the charismatic or what they call the “caminhada”, with the purpose to learn at least partially, its meaning.

* Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFC. Doutora em Sociologia.

so integrar a ação ou o pensamento religioso ao círculo das ações cotidianas ligadas a um fim, o que me levou a acompanhar, nos espaços de sociabilidade do Shalom, reuniões de Grupos de Oração e observar as práticas dos fiéis em eventos e rituais carismáticos – missas de cura, Cenáculos⁴ e Seminários de Vida no Espírito Santo. Desse modo, selecionei um Grupo de Oração que acompanhei durante oito meses como observadora, visitei três Comunidades de Vida e fiz entrevistas individuais com autoridades e leigos carismáticos.⁵

Os testemunhos⁶ e as entrevistas constituem os recursos que utilizei para analisar as representações dos carismáticos e as diferentes formas de engajamento na RCC, bem como o percurso religioso dos fiéis, sendo possível detectar as mudanças cognitivas operadas a partir da conversão e as alterações de atitudes religiosas e de estilo de vida. Nesse aspecto procurei observar de que maneira as pessoas se comportam a partir da adesão, o que elas pensam de si antes e depois, atentando para as representações subjacentes ao seu dito, não como códigos a serem decifrados, mas como idioma a ser interpretado, no sentido

de Geertz (1989). Dessa maneira, procurei integrar a experiência dos fiéis ao sistema de representações que a Renovação Carismática oferece, partindo do fenômeno experimentado pelos atores e das representações que fazem de sua vivência, no sentido em que Simmel (1971) toma essas representações, atribuindo-lhes grande importância, pois é através delas que o homem constrói o mundo, percebe-o e se orienta nele.

Para entender a inserção no universo carismático e o sentimento de pertença à comunidade, analiso a trama de sentidos em que se assentam essas comunidades, surgidas no seio da Igreja com o movimento da Renovação Carismática Católica.

A Renovação Carismática Católica

A RCC surgiu em meados da década de 1960, nos Estados Unidos⁷, inspirada nos movimentos pentecostais (centrados no Espírito Santo) das igrejas evangélicas. Retomando o uso dos carismas pelos fiéis católicos, a RCC foi considerada, desde sua origem, como fenômeno próximo ao pentecostalismo protestante, uma espécie de “ramal evangélico” da Igreja Católica ou pentecostalismo católico⁸, pregando uma fé que espetaculariza os encontros, supervaloriza a espiritualidade individualizada e explora a comunicação direta com Deus. Sua marca é a atualização e contemporaneidade que imprime aos dons do Espírito Santo, distribuídos entre os apóstolos, a partir do episódio de Pentecostes.⁹

Foi com o Concílio Ecumênico Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII, que surgiram as duas principais correntes do catolicismo brasileiro: A RCC e o Cristianismo de Libertação. Este último com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a RCC, com as Comunidades de Vida e as Comunidades de Aliança. A Igreja Católica estava propondo transformações, com a pretensão de incentivar a renovação litúrgica e bíblica, rever a função do leigo no mundo e na Igreja, enfim, procurar novas relações entre a Igreja e a sociedade moderna e outras religiões. Muitos autores destacam o papel do leigo nestes movimentos (MAUES, 1998; PIERUCCI & PRANDI, 1996), o que, em minha opinião, apre-

enta-se como importante aspecto simbólico para a adesão dos fiéis. Ainda que estes movimentos sejam institucionalmente atrelados e submetidos à hierarquia da Igreja, a atuação leiga faz-se de maneira relativamente autônoma do clero, possibilitando a valorização das potencialidades dos fiéis leigos, cabendo a eles um papel de destaque nas lideranças de ambos os movimentos. No caso da Renovação Carismática, os leigos assumem diversas funções, como pregação, formação doutrinária, aconselhamento, cura, pastoreio¹⁰, entre outras.

A participação leiga em funções antes exercidas exclusivamente por religiosos contribui para o sentimento de valorização pessoal dos carismáticos, mas este sentimento só se torna permanente com a reconstrução de identidades que resulta da superposição de outros fatores presentes na RCC: a formação de comunidades e a ênfase nos dons do Espírito Santo, principalmente os chamados dons espirituais, que são distribuídos no momento do batismo no Espírito Santo. Os dons são facultades outorgadas aos cristãos para seguirem os impulsos do Espírito no caminho da perfeição espiritual. São eles: dom das línguas (glossolalia), da interpretação (das línguas), da evangelização, da cura, da profecia, da sabedoria, do discernimento dos espíritos e dos milagres. Era comum, entre os profetas do Antigo Testamento, a prática destes dons, o que continuou se repetindo nas primeiras comunidades cristãs descritas no Novo Testamento. Os convertidos recebem a efusão do Espírito de Deus e, junto com ela, os dons, que devem ser cultivados pela conversão de vida, a partir da qual a pessoa se dispõe a fazer a vontade divina. O dom é recebido quando a pessoa acredita ser possível a Deus: curar, libertar, fazer milagres. Isso leva a pessoa a se converter, estimulando-a a ser testemunho de fé cristã, o que, por seu turno, motiva a adesão ao movimento ou traz aqueles que estão afastados da Igreja.

Para entendermos a importância desses dons, é preciso marcar a diferença teológica que a Igreja Católica faz entre carisma e dom. De acordo com o professor de teologia Estêvão Bittencourt (2002), os

carismas são graças especiais pelas quais o Espírito Santo torna os cristãos aptos a tarefas e funções que contribuem para o bem ou serviço da comunidade. Assim, seriam o dom de profecia, o das curas, o das línguas e o da interpretação de línguas. Neste sentido, existem dois tipos de dons do Espírito Santo: os infusos e os efusos. Os infusos são aqueles que servem para a conversão pessoal. E os efusos são os utilizados para o próximo, através da fé. Estes são os carismas concedidos para tornar algumas pessoas capazes de colaborar com a salvação dos outros e para cumprir diferentes funções ou “missões” em favor da expansão do Reino de Deus. Nas Comunidades Carismáticas, os portadores dos carismas exercem um grande poder simbólico entre os seus membros. Existe, ainda, o carisma da comunidade, pois cada uma se identifica como tendo um carisma específico, sendo este tomado como uma missão ou vocação da comunidade, sua essência, enfim. O carisma é o fator principal de constituição de uma comunidade e o elemento que garante unidade e pertença culturais a seus integrantes, possibilitando que eles se identifiquem e construam uma identidade cultural, passando a se designar como “da comunidade”. É também através de seu carisma original que as chamadas Comunidades de Fraternidade ou Novas Comunidades se constituem. Elas são a base social da RCC e são compostas de núcleos, conselhos, Comunidades de Aliança, Comunidades de Vida e Grupos de Oração, onde ocorrem as mais diferentes manifestações e atividades que contribuem para a renovação dos fiéis.

A forma espetacular com que a RCC rapidamente ganhou visibilidade no Brasil se deve, em grande parte, à divulgação dos inúmeros rituais públicos que a renovação promove. Em todo o país fazem sucesso as missas celebradas em grandes espaços, por religiosos carismáticos como o Padre Marcelo Rossi¹¹, que chegam a reunir milhares de pessoas. Isso, segundo Brenda Carranza, torna a RCC

(...) O movimento religioso católico que atrai milhares de pessoas, lotando estádios, ginásios, campos de futebol, sambódromos, tornando-os verdadeiros

laboratórios públicos de emoções líquidas e cenários de emotividade, nos quais o fiel não tem pudor nem vergonha de se expressar. Sobretudo aquele fiel de classe média caracterizado pela sua racionalidade e distanciamento de qualquer manifestação popular que o ligue à pobreza (CARRANZA, 2000: 122).

No Estado do Ceará, e particularmente em Fortaleza, o espaço público é invadido pela simbologia cristã identificada com a tradição católica, a oração, os cantos de louvor a Deus e as missas performativas, com o aparecimento e crescimento dos grupos da Renovação Carismática. Os símbolos católicos, antes confinados às igrejas, ganham as ruas, onde circulam carros com slogans religiosos – “Este carro é de Jesus”, “Deus é fiel” ou “Nossa Senhora me guia” –, pessoas rezando o terço e manifestando sua fé nos mais diferentes locais: *shopping centers*, praças, etc. As missas católicas tornaram-se cada vez mais participativas e animadas por palmas e gestos que acompanham cânticos de ritmos dançantes. Segundo Emmir Nogueira¹², uma das que acompanhou de perto os primeiros passos dos carismáticos em Fortaleza, a RCC chegou aqui em 1975, trazida por uma “turma muito simples (...) que se reuniu para o primeiro Seminário de Vida no Espírito Santo” (Ágape, ano XXII, nº 205, p. 9). Falando das origens da RCC, Emmir diz que o fato de “Deus ter escolhido leigos, jovens, universitários e, ainda por cima, ricos” é que causou tanto impacto. Segundo Barros Júnior (1993), acontecimentos isolados contribuíram para que o movimento se desenvolvesse. O Cenáculo, o Colégio Santa Cecília e a Capela das Irmãs Missionárias são lugares diretamente ligados às origens da RCC, em Fortaleza. Junto com os universitários, estes são os primeiros agrupamentos que se empenharam na realização de Seminários de Vida, noites de oração, retiros, etc., despertando o interesse pela leitura da Bíblia, a reconciliação com os sacramentos e desenvolvendo os dons carismáticos e a formação de coordenadores e lideranças da

RCC; posteriormente, iriam formar as comunidades carismáticas.

Shalom, uma fortaleza para o espírito

O Shalom, como se referem à comunidade seus adeptos, constitui-se simbolicamente como uma fortaleza para o espírito, a partir das representações e tramas de sentidos que se constroem a seu redor, desde sua criação. Fundada por Moisés de Azevedo¹³, aos nove de julho do ano de mil novecentos e oitenta e dois, nasceu inspirada no ‘Café Cristão’ – casas à beira da estrada, no Canadá, que acolhiam jovens para anunciar-lhes o Evangelho. No espaço constituído por uma lanchonete e uma livraria, o fundador teve a idéia de evangelizar “jovens afastados de Deus”, utilizando a lanchonete como “isca para realizarmos nossa pesca”. Os jovens que não aceitavam um convite para ir à missa ou a um encontro da pastoral da juventude, não recusariam um convite para lanchar e, entre um lanche e outro, “falavam de Deus, cantavam e louvavam” (Revista Shalom Maná, nº 114, agosto-setembro, 2002).

Esse primeiro Centro de Evangelização, que funciona ainda hoje, é denominado de Shalom da Paz, uma espécie de casa-mãe, representando a origem dos vários locais onde se reúnem atualmente os inúmeros grupos de oração e as comunidades. Em pouco tempo, a obra atingiria, não somente jovens, mas também famílias e pessoas das mais diversas procedências sócio-culturais, crescendo em número de participantes e em ações evangelizadoras. Sua expansão tornou a comunidade um modelo institucional com hierarquias, diretrizes e estatuto que organiza os vários projetos que compõem a estrutura física do Shalom¹⁴.

Para Miranda (1999), a Comunidade Shalom é uma espécie de referência, da qual partem as diretrizes e onde é ministrada a formação das pessoas (p. 35). Com um grande poder de atração entre os católicos de Fortaleza, e um valor simbólico bastante forte entre seus adeptos, esta comunidade tem importância especial para a Renovação, na medida em que resgata muitos fiéis, sendo considerada a maior “pescadora de almas”, dentre as Comunidades de

Fraternidade¹⁵. E esse seu lugar realmente é reconhecido, não somente no âmbito local, mas também no cenário nacional da RCC¹⁶. Para a coordenadora da Renovação em Fortaleza, o Shalom tem uma fundamental importância na expansão desse movimento no Estado, pois, segundo ela: “O Shalom foi responsável pelo crescimento, porque deu muita assistência, multiplicou muito, deu muita formação, fez muitos seminários, muitos encontros (...) Aqui todo mundo teve uma passagenzinha pelo Shalom”.

De fato, faz parte do Carisma Shalom evangelizar e formar os filhos de Deus, o que realiza promovendo um número variado de eventos e utilizando para divulgá-los os meios de comunicação que possui¹⁷. Os membros do Shalom se auto-intitulam anunciadores da paz que Jesus fala no evangelho e dizem ter a missão de levar, com seu exemplo de vida, com sua palavra e seu testemunho, o Shalom de Deus aos corações. Assim, se dizem instrumentos de reconciliação do mundo com Deus: “Ressuscitados com Cristo, recebemos dele a missão e nos tornamos presença de paz no mundo. Paz que é conversão, reconciliação com Deus, com os homens e conosco mesmos” (Revista Shalom Maná, nº 114, agosto-setembro, 2002).

Mas, o que significa, para os adeptos, fazer parte dessa comunidade? Ser referência para os católicos, representantes da paz e instrumentos de Deus, confere ao Shalom e aos seus membros uma valorização especial, embora outros elementos simbólicos contribuam para a representação positiva da comunidade e seus membros. O Shalom da Paz, situado na Rua Maria Tomázia, na Aldeota, bairro de classe média alta da cidade, contém elementos importantes de significação, que atraem as pessoas, e, ainda que se abram novas casas em bairros mais afastados, é o mais procurado, tanto por membros do Shalom, quanto por católicos em geral. Conforme depoimentos, muitas pessoas se deslocam de bairros distantes para participar das reuniões promovidas no Shalom da Paz, apesar de existirem outras casas Shalom mais próximas de suas residências. Uma entrevistada me disse: “Eu moro num bairro muito distante, o Cristo Redentor. Eu venho pra cá; e a paróquia é do lado da

minha casa. Eu comecei a minha vida cristã na paróquia, mas aqui eu comecei a ter uma experiência maior com Deus...”. Segundo um dos coordenadores: “As pessoas vêm para cá porque elas se sentem amadas por Deus, se sentem acolhidas, e isso faz com que elas saiam de muito longe para vir para cá”.

Independentemente dos motivos utilizados pelos fiéis para justificar esses deslocamentos, considero esse espaço como uma possibilidade de ascensão social simbólica em duas vertentes: uma ligada à origem da RCC, em Fortaleza; e a outra, à valorização pessoal que ele propicia.

Na primeira vertente, conforme um entrevistado, esse grupo da RCC começou em um momento político importante, quando se anunciava um novo Ceará – “A Ilha da Prosperidade” – da qual todos queriam fazer parte. Benoit Gaudin, em sua tese sobre o Fortal¹⁸ (este iniciado na década de 1980), discute o “milagre cearense” que começa mais ou menos na mesma época (GAUDIN, 2000, p. 235). O certo é que a origem da RCC entre ricos americanos e a sua entrada no Ceará pela classe média, ofereceram a possibilidade de ascendência social simbólica àqueles que estavam fora da “Ilha”! Todos desejam fazer parte da elite privilegiada e lá se abrem as portas para receber a todos na igualdade fraterna, incluindo-os na “Ilha”.

Na segunda vertente, independentemente da situação sócio-econômica, a pessoa pode ocupar um lugar socialmente valorizado, quando assume uma atividade de destaque na hierarquia da comunidade. Carla, por exemplo, uma jovem de 22 anos que mora no subúrbio de Fortaleza, coordena atualmente um grupo de oração no Shalom da Paz freqüentado por pessoas de todas as classes sociais. Ela ocupa a função de pastora¹⁹ e, sobre isso, disse: “eu agora estou aqui como pastora de um grupo, eu não era nada. Todas essas pessoas mais velhas e mais preparadas do que eu, mas Deus me escolheu e eu já estou nesse lugar”.

Se, de um lado, existe a possibilidade de ascensão social para pessoas de baixa renda, existe também a possibilidade de ocupar um lugar social

com certa visibilidade dentro do grupo, como o de Conselheiro, coordenador, etc., que atrai pessoas de todas as classes sociais. Para um grande número de donas de casa, cuja função social se perdeu após a criação dos filhos, o Shalom se torna uma possibilidade de restabelecer a função social perdida, através da inserção nos trabalhos da comunidade. Isso tem grande valor simbólico, pois recupera um lugar subjetivo de extrema importância para a socialização do sujeito e, conseqüentemente, para a reconstrução de sua identidade. Em discussão com os interacionistas simbólicos, Stuart Hall (2001) mostra que a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade e que o eu é projetado nas várias identidades culturais. A identidade religiosa é uma das possibilidades de se recuperar a identidade no mundo social, aspecto extremamente importante para a sobrevivência do eu. Portanto, a constituição da identidade religiosa contribui para alinhar os sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que se ocupa no mundo social e cultural. Assim, ao assumir uma função social integrando-se no grupo religioso, recupera-se não apenas a função ou lugar social perdidos, mas a própria possibilidade de sobrevivência do eu pelo lugar que o sujeito passa a ocupar diante do outro. É principalmente a posição subjetiva que o sujeito ocupa que lhe permite sustentar uma imagem valorizada diante do outro, necessária à reformulação da imagem que ele tem de si. O Shalom oferece essa possibilidade, não fazendo, pelo menos explicitamente, distinção entre ricos e pobres, letrados e iletrados, cultos e incultos.

A forte valorização simbólica do Shalom não se restringe a seus membros, mas se estende à comunidade católica em geral, pois muitos católicos, carismáticos ou não, participam dos eventos dizendo sentirem ali um acolhimento especial. Uma senhora que ouvi disse ir a todos os eventos do Shalom porque “O pessoal do Shalom é quente, eles são muito dedicados e buscam realmente a vida cristã. Eu me sinto muito bem aqui”. Para ela, os adeptos do Shalom são um modelo ideal a ser seguido e um exemplo de como se deve caminhar em direção à santidade.

O certo é que os membros do Shalom transmitem um sentimento positivo, pois demonstram uma disposição particular para enfrentar os problemas da vida, característica dos fortes e confiantes. Esta disposição, segundo analisei, é construída a partir do sentimento de pertença à Comunidade, lugar onde é possível vivenciar fenômenos de ordem emocional responsáveis pelas transformações interiores de vida. É na experiência compartilhada que se desenvolvem os dons carismáticos e que se assume um compromisso com os trabalhos da comunidade, tornando efetiva a participação. Segundo uma informante, não basta freqüentar o Shalom, é preciso se comprometer com a obra e renovar sua vida, tornando-se membro de um Grupo de Oração, de uma Comunidade de Aliança ou de uma Comunidade de Vida e seguir as prescrições particulares de cada agrupamento, com seu estilo de participação específica, que particulariza os itinerários e os diferentes perfis religiosos.

O Grupo de Oração “É o principal serviço e expressão da RCC. Deve promover a experiência de Pentecostes ou facilitá-la para o fiel, acompanhando-o no caminho espiritual (...) sua finalidade é anunciar o Querigma²⁰, fazer o anúncio da Boa Nova” (informante).

É no Grupo de Oração que se inicia a caminhada no Shalom, após a participação em um Seminário de Vida no Espírito Santo, ritual que termina com o Batismo no Espírito Santo²¹ e que é condição *sine qua non* para a inserção em um grupo da Comunidade Shalom. Este pode acontecer em um grande evento, a exemplo do Renascer, ou em cursos ofertados regularmente para pequenos grupos. Palco das manifestações do Espírito Santo e do testemunho, o grupo apresenta em seus rituais as formas de participação mais diversas, tanto no que se refere ao engajamento nos trabalhos, quanto nas vivências rituais, sendo por isso uma das formas mais atuantes da RCC, mas, ao mesmo tempo, a mais fluida, pois as pessoas podem dele participar sem “se comprometer”.

Já os integrantes das Comunidades de Vida

(CV) ou de Aliança (CA) se implicam de formal radical, única possibilidade de fazer parte delas. Eles são identificados através do TAO ou Cruz de São Francisco que carregam no peito.²² Ser portador do TAO é o desejo mais íntimo dos adeptos do Shalom, pois significa atingir um grau mais elevado no caminho da santidade e um passo a mais na construção da identidade carismática. Mas implica também um grande investimento pessoal, característico dos fortes e perseverantes, cuja disposição para assumir uma intensa rotina de oração, estudos da Bíblia e compromissos com a obra estejam acima de qualquer outra atividade, exigindo muita dedicação e renúncia. Para ser membro de uma CV ou CA é preciso ser vocacionado, ou seja, se “consagrar” engajando-se em um grupo vocacional, iniciando “(...) uma caminhada de oração e diálogo que não tem duração determinada, mas que é uma marcha em busca de uma convicção da vontade do Senhor” (Estatuto da Comunidade). Para tal, o interessado formaliza um pedido de ingresso na comunidade, através de uma carta, após passar por um longo período de discernimento. A vocação aparece como uma atração ou um apelo divino de entregar-se ao Reino.

Os integrantes dessas comunidades fazem três votos de compromisso: pobreza, obediência e castidade. O primeiro determina que os bens sejam disponibilizados para uso de todos. Os integrantes da CA devem destinar dez por cento dos rendimentos para a obra, além de uma contribuição mensal para o fundo de comunhão, como sinal de solidariedade com os mais necessitados. O voto de obediência é o compromisso de obedecer a Jesus Cristo, ao seu Evangelho, à Igreja, às regras de vida Shalom e às autoridades constituídas segundo a vontade do Senhor. O voto de castidade é vivido de maneira diferente, entre os consagrados solteiros e os casados, obedecendo ao estado de vida de cada um. Segundo explicações de um informante, “encontram-se os três estados de vida²³: celibato, matrimônio e sacerdócio. Todos com direitos e deveres, abraçam todas as bênçãos e exigências próprias desta vocação”.

O Shalom possui doze Comunidades de Vida,

que são formadas por pessoas que abandonam o convívio da família para morar em casas comunitárias, partilhando os bens e vivendo da “providência”. Como disse Pedro,

(...) somos chamados a abandonar tudo e viver inteiramente e plenamente a ‘vocação Shalom’. Vivemos na e da vinha do Senhor, moramos em residências comunitárias onde colocamos tudo em comum; crescemos juntos no amor fraterno e na vida de oração.

O que mais chama a atenção no estilo de vida dos membros da CV é a tendência a “auto-segregação”. Eles se vestem com simplicidade, circulam apenas pelos ambientes sociais relacionados às igrejas e ao Shalom, têm um modo de falar calmo, transmitindo compreensão e aceitação do outro, uma alegria que se expressa pelo sorriso constante no rosto e que dizem ser motivada pela comunhão com Deus. Não freqüentam cinema, bares ou qualquer outro lugar considerado impróprio. A rotina diária dos membros da CV é dedicada aos compromissos espirituais: oração pessoal, estudo bíblico através do método da *Lectio Divina*²⁴, terço e Eucaristia, cantos de louvores ao Senhor, através da oração das Laudes, reunião de formação comunitária e partilha de vida. Além dessas atividades espirituais, desenvolvem trabalhos relativos à evangelização. Segundo os integrantes, eles vivem para louvar, adorar e bendizer ao Senhor, cultivando os carismas do Espírito Santo. Como se pode perceber, o estilo de vida na comunidade é muito próximo ao estilo de vida religiosa, com uma rotina de oração e de trabalho, na qual as atividades “mundanas” e a circulação por outros espaços sociais são interdadas. Inclusive, é o que colocam como proposta de estilo de vida.

Já as Comunidades de Aliança, são formadas por pessoas que “dedicam sua vida ao Senhor no meio secular”. Embora sejam totalmente engajados na vida religiosa, os integrantes desta comunidade não precisam morar em residências coletivas, como na CV, morando em sua própria casa e desenvolvem

do suas atividades profissionais fora da comunidade. Encontram-se aí pessoas dos mais diferentes perfis socioeconômicos. Entrevistei uma advogada da CA que entrou na RCC com o marido: “(...) fazemos parte da CA que é uma comunidade externa (...) nós trabalhamos fora também (...) Mas tem setores da obra que a gente trabalha como voluntária e outros que a gente trabalha com serviço remunerado”.

Eles seguem as mesmas regras de vida dedicada ao Senhor que se reflete no modo de vida familiar, profissional e social, levando os compromissos da comunidade para sua vida pública. Ao mesmo tempo, circulam entre os não-carismáticos, que têm outra concepção de vida, outro estilo religioso e outra maneira de olhar o mundo.

As novas comunidades

As Novas Comunidades trazem implícita uma expectativa de mudança social que faz crescer o número de adeptos, multiplicando-as. Segundo Hervieu-Léger (2005), elas representam a inclinação característica da modernidade religiosa, que é criar comunidades fundadas em afinidades sociais, culturais e espirituais. As comunidades carismáticas não se inscrevem no nada, mas num contexto formado por um tecido humano, social, político, histórico, geográfico e institucional que favoreceu seu aparecimento. Muitos lêem os fenômenos comunitários como movimentos contestadores²⁵; outros como alienantes do mundo; mas, a verdade é que as comunidades se constituem como fenômenos religiosos de linha fundamentalista, com pretensão de retorno a um cristianismo primitivo, fazendo-se presente em uma época na qual se previa o desaparecimento da religião. Entretanto, como sugere Hervieu-Léger (2005: 45), são as próprias transformações da modernidade que sustentam um lugar de importância para a religião, pois suscitam crises, criando um universo de incertezas, cujo efeito é de um vazio social e cultural produzido pela mudança e vivido como ameaça pelos indivíduos e pelos grupos. Assim, os sistemas religiosos tradicionais vão se reordenando sob novas formas, perpetuando-se e permanecendo com um grande poder de atração sobre os indivíduos

os e a sociedade, como acontece com a RCC. Aqui, as pessoas encontram, na vivência comunitária e na prática religiosa, explicações e sentido para a vida, quando não os encontram no mundo.

Para Monique Hébrard, as comunidades são lugares de vida, de dar e receber e representam um lugar protegido, cujo meio permite ao cristão buscar a santidade ao abrigo do mundo, onde se pode encontrar a paz (HÉBRARD, 1979: 138). O dirigente de uma grande comunidade carismática americana diz: “Nós sentimos a enorme força de opressão de uma sociedade materialista, hedonista, anticristã. Assim, chegamos a esta necessidade de formar o Corpo de Cristo, apareceu-nos o desejo de fazer uma nova sociedade, pode-se dizer mesmo uma contra-cultura” (HERBRARD, 1979: 138).

Pode-se afirmar que tais grupamentos emergem tendo como um dos objetivos principais a vida em comunidade. Um coordenador do Shalom afirma que: “Se nós nos abrimos ao Espírito Santo, ele nos faz renunciar a um estilo de vida individualista, e nos abre para uma vida mais comunitária (...) a pertença a uma comunidade deixa de estar ao lado da nossa vida espiritual para ser o centro mesmo”. Para este coordenador, a comunidade é uma escola na qual se desaprende a viver, segundo os elementos do mundo e se aprende a viver segundo o amor. A “vida no amor” é o ideal máximo a ser buscado. E isso significa partilhar, acompanhar, estar sempre presente, *cuidar do outro e ser cuidado*. Algo semelhante ao ideal familiar, que a comunidade estaria reproduzindo, simbolicamente. O ideal de uma família onde reina a paz, o amor, a compreensão, a disponibilidade de uns para com os outros que todos idealizam.

Segundo os carismáticos, as comunidades devem ser vistas de dois ângulos: o da aspiração a uma sociedade melhor, mais humanizada, e como um dispositivo para favorecer a elevação espiritual. Assim, o princípio da comunidade é elevar espiritualmente seus membros para que, em seu conjunto, possam construir uma sociedade melhor, o que implica desenvolver um sentimento de pertença através do crescimento pessoal. E é nisso que o carismático se engaja, sendo também isso o que fundamenta o

dispositivo simbólico que atrai tantas pessoas. Estes elementos, juntamente com a publicidade que se faz em torno das Novas Comunidades, fazem com que estas ocupem um lugar simbólico privilegiado do qual os católicos querem participar.

O engajamento no Shalom e o fortalecimento do espírito

O engajamento no Shalom implica um processo de mudanças, de reconstrução de identidade e de fortalecimento psicológico, propiciando uma nova forma de significar e ordenar o mundo. O “católico especial”, que emerge desse processo, tem uma autoconfiança que se exterioriza através da alegria, da amabilidade, da afetividade e da solidariedade para com os irmãos. Esse “resultado” vai se desenhando a partir da vivência em comunidade, na relação que se estabelece entre os indivíduos e na maneira particular pela qual eles se ligam à sociedade. E é nos rituais dos grupos de oração que tudo começa. Por isso, é oportuno acompanhar o ritual que desenvolve o forte espírito de pertença.

As reuniões do Grupo de Oração se passam na seguinte seqüência ritual: acolhida, quando todos se cumprimentam com alegria, incentivada por cânticos, palmas e movimentos corporais, acompanhados de expressões como “entre no clima”, “libere a ação do espírito”, “deixe o espírito entrar”. As músicas com ritmos dançantes e letras como “quero mergulhar na alegria do Senhor”, “vem Espírito, encha-me de luz”, “vem libertar meu coração”, “renova-me Senhor”, acompanham “aleluias” e “glória a Deus”. Esse momento, que dura mais ou menos vinte minutos, prepara para a ação do Espírito, que é solicitado a comparecer e a manifestar seus dons e carismas. As pessoas começam a orar, “na língua dos anjos”, e o coordenador do grupo repete em voz suave: “o Espírito Santo está agindo, transformando, curando doenças físicas e emocionais; ele visita a cada um nesse momento, abandonem-se ao espírito”.

Em seguida a esse momento de euforia coletiva e de experiência com o espírito, no qual acontece a “Revelação”, passa-se a uma fase de cânticos mais suaves e introspectivos seguida da “Partilha”, ocasião

em que a pastora solicita a participação das pessoas para que relatem o que foi revelado, como foram “tocadas” pelo Espírito Santo e o que sentiram naquele momento. É quando se revela algo milagroso que aconteceu na vida da pessoa. Passa-se, então, de uma vivência emocional coletiva para uma oração comunitária, em que as experiências individuais devem ser compartilhadas. Geralmente, esse momento é introduzido pela pastora ou por outra pessoa, com pequenos exemplos alegóricos tirados, da sua vida cotidiana, através dos quais ilustra sua relação privilegiada com Jesus e o Espírito Santo, resultado de sua caminhada. As narrativas nesse espaço são relacionadas ao cotidiano das pessoas e tem-se a oportunidade de ouvir relatos sobre a experiência religiosa diária com Deus, e as transformações que provocam no dia a dia. O principal objetivo desses testemunhos é mostrar “a experiência com Deus nas pequenas coisas, pois esta acontece em todos os momentos”.

Seguem-se momentos de silêncio, entrecortados por uma série de mensagens enviadas por Deus, mensagens recebidas nos dias precedentes. As pessoas vão contando suas experiências, as visões que tiveram enquanto estavam entregues à oração. Começam com frases do tipo: “Jesus disse”, “o Espírito me revelou”, “senti Jesus me tocar...”. A pastora repete com frequência: “Tem que falar, partilhar a emoção, a experiência, o que Deus faz na sua vida, pois isso serve para o irmão”. Partilhar é a palavra de ordem, pois a oração comunitária significa a partilha e ninguém deve ficar calado nessa hora. As pessoas, segundo a pastora, devem apresentar o que sentem no grupo para entender a obra de Deus na sua vida. O entendimento do que se passa nesse momento é “o Espírito Santo que coloca e se não se abre o coração não se consegue perceber o que Jesus quer dizer”. Em um depoimento, uma pessoa disse: “Deus falava comigo e eu não sabia, pensava que era a minha consciência. Se a gente não ficar atento, não consegue identificar o que ele nos ensina”.

O próximo passo é estabelecer a relação das experiências vividas no grupo com os fatos da vida

cotidiana, a partir de um novo saber adquirido. Assim, são apresentados os testemunhos de curas e os relatos de acontecimentos cotidianos para os quais são atribuídos novos sentidos:

A experiência com Deus é em todos os momentos, nas pequenas coisas. É só prestar atenção na ação dele na nossa vida, esperar, confiar e se segurar na fé. É preciso ter força para confiar, resistir (Maria, integrante do grupo).

Esse momento pode durar uma hora ou mais, passando em seguida para a Pregação, ocasião em que as falas são interrompidas para dar lugar à leitura de uma passagem da Bíblia, escolhida frequentemente da Epístola de São Paulo, considerada como texto didático, por ser escrito em linguagem não-parabólica, adequada para os não-familiarizados com a “palavra de Deus”. É a leitura da Bíblia que dá todo o suporte para que se reconheça a ação de Deus, diz a pastora, incitando os presentes a se inscreverem nos cursos de estudos bíblicos oferecidos pelo Shalom. As pessoas também são orientadas a fazerem sua oração pessoal, diariamente, condição necessária ao desenvolvimento de uma maior “intimidade com Deus”. Para uma integrante, o mais difícil na caminhada é a oração pessoal, mas é ela que desenvolve os sentidos para se perceber a presença de Deus e entender sua palavra. Diz que “é preciso concentração, sair do mundo, se isolar do que está ao seu redor... Os mestres passam anos em contemplação, em êxtase, para sentir (...) imagine nós”. É preciso, então, abraçar o hábito da oração; hábito que o grupo ajuda a desenvolver. Por isso, não se deve faltar às reuniões, “mesmo quando a vontade é não vir, tem que vencer o cansaço, pois é tão necessário vir ao grupo quanto ir à missa. Aqui a sua visão se abre” (Carla).

É nesses rituais que a “visão do fiel vai se abrindo” para um universo no qual os fatos são sempre atribuídos à vontade divina e as decisões mais simples passam a ser tomadas a partir de orações e em retiros espirituais. Tudo deve ser discernido atra-

vés da oração. Dessa maneira, vai se desenhando a identidade carismática, com o desenvolvimento de hábitos e condutas típicas do grupo. E é também nos rituais que a pessoa vai sendo estimulada a se engajar nos trabalhos, pois embora a inserção no grupo seja o primeiro passo, “comprometer-se com a obra” e “persistir na caminhada” são os principais fatores que levam alguém a se “renovar”. Assim, após a inserção no grupo, a pessoa deve assumir uma atividade e desenvolver uma nova maneira de ser e de se comportar. Isso faz com que passe do momento mágico da experiência com Deus, ao momento de cultivar uma racionalidade para desenvolver novas atitudes na vida. Como disse Andréia: “não é só me ajoelhar e rezar... Claro, mas tem que estudar, conhecer, pensar, investigar e trabalhar”.

Trabalhar significa engajar-se em um ministério ou projeto. Os ministérios são núcleos responsáveis pelas diferentes atividades de evangelização. Existem vários ministérios: dos pregadores, da libertação, do pastoreio, do aconselhamento, etc., que se ramificam em vários outros e que são escolhidos de acordo com o interesse da pessoa. Segundo um coordenador, o incentivo à participação nos ministérios começa após um período de seis meses de frequência ao grupo, quando a pessoa se convence de que a melhor forma de amar a Deus é lhe servindo. “Nada é forçado”, mas é cobrado esse engajamento, a cada reunião de grupo e nos rituais, onde se mencionam sempre os cursos, as reuniões de estudo, os retiros, acampamentos e outras atividades. Se, de um lado, existe um leque de possibilidades para o sujeito, de outro, existe a disposição pessoal para se envolver com os trabalhos. Existem membros de grupos de oração que passeiam por vários ministérios, participam de alguns trabalhos, mas não se implicam totalmente com eles. Outros, entretanto, são “firmes na caminhada”, comprometendo-se radicalmente. E quanto mais radicalmente a pessoa se engaja, mais fortalecida ela vai se sentindo, sendo estimulada por um “formador pessoal”, que a aconselha no momento de tomar decisões. Para dar suporte ao engajamento dos inúmeros renovados, é preciso um trabalho permanente, uma vigilância e um encorajamento constantes.

A escolha do lugar ideal, como diz Moisés, se faz de acordo com “onde for o chamado de Deus”. Significa dizer que os “tocados pelo Espírito Santo” irão se engajar nos espaços de sociabilidade da RCC, a partir de sua própria caminhada e investimento na sua salvação, e trabalhar naquilo que o seu talento indica. Assim, a mobilidade do sujeito pelos espaços do Shalom e sua persistência implicam diferentes itinerários traçados pela forma de engajamento e indicam importantes diferenças individuais, que podem ou não mudar o estilo de vida das pessoas. Os efeitos da adesão estão diretamente relacionados com o percurso e o investimento pessoal de cada um. Embora o objetivo maior seja pertencer a uma Comunidade de Aliança ou de Vida, nem sempre se consegue trilhar este percurso. As pessoas que acompanhei no grupo de oração funcionam dentro daquilo que podemos considerar como suas possibilidades. As prescrições que determinam a caminhada de desenvolvimento espiritual - orações pessoais, rezar o terço todos os dias, participar dos eventos, ir à missa, assumir um ministério - não são cumpridas à risca por todos. Muitos não conseguem seguir as recomendações, embora se proponham a isso, como ouvi de alguns informantes: “Eu nunca persisto na caminhada. Já é a terceira vez que faço o Seminário de Vida e começo no grupo de oração. Mas eu sou fraca”; “Eu freqüento o grupo há quatro anos, mas nunca me engajei em um ministério. Agora vou ver se consigo”. Promessas que, muitas vezes, não se cumprem, mas mantêm a ligação com o grupo.

Pode-se perceber a busca por uma adequação da conduta de cada um ao “modelo carismático”. Existe um tipo idealizado de “pessoa que pertence ao Shalom”, tanto entre os carismáticos, quanto entre os católicos tradicionais. Os “perfis religiosos” se expressam na forma de engajamento, na variação dos níveis de religiosidade e na multiplicidade extrema das experiências religiosas. O modelo carismático a ser seguido é, segundo o fundador, São Francisco, “o baluarte da vocação Shalom”. A imagem do santo despojado, pobre, homem de louvor e de oração, fiel ao chamado divino e obediente à Igreja compõe o ideal carismático. Se a imagem ideal do carismáti-

co é São Francisco, para aqueles que caminham no Shalom ela está encarnada na figura de Moisés, cujas características se confundem com a do santo. Assim, há uma imagem ideal no horizonte a ser construída, representada tanto por Moisés como por Emmir, figura feminina mais citada como ideal a ser atingido, conforme se constata neste depoimento:

(...) quando vi a Emmir disse: quero ser igual a ela, ter esta alegria e disponibilidade para com o irmão e essa aparência de tranqüilidade e segurança que ela tem em seu semblante.

Moisés e Emmir são, portanto, o modelo de identificação entre os renovados do Shalom. Moisés, como o bíblico, foi escolhido por Deus para a missão de fundar a Comunidade Shalom, tendo Emmir como sua colaboradora. Moisés, “o fundador”, possui uma função: a de ser o líder, pois ele foi “escolhido por Deus para ser a cabeça da nossa comunidade”, disse um informante. Isso lhe confere uma autoridade que vai além da mobilização emocional que é capaz de provocar. Sua palavra é autoridade, reconhecida pelo saber divino, sendo relativa à sua função e ao carisma que se reconhece nele. O carisma do fundador é de participar da paternidade de Deus. Ele é seu eleito, pastor de seu rebanho. Na análise weberiana, penso que Moisés se aproxima da figura do profeta, esta figura que porta um carisma pessoal, “(...) o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino” (WEBER, 1991, p. 303). Weber não faz distinção entre o profeta que anuncia de novo uma revelação antiga daquele que reivindica para si uma revelação totalmente nova, isto é, entre o “revelador” e o “fundador” de uma religião. O que importa para ele é a vocação pessoal, que distingue profeta e sacerdote. A autoridade do profeta não está a serviço da tradição sagrada, como no caso do sacerdote, mas ela se dá em virtude de sua revelação pessoal ou de seu carisma. Assim, a legitimação do profeta atua em nome de seu dom pessoal. Por isso, ele pode se cons-

tituir como exemplo a ser seguido, pois organiza a vida e o mundo num sistema coerente de sentido. O profeta promove “... uma sistematização de todas as manifestações da vida, portanto, de coordenação do comportamento prático num *modo de viver*, qualquer que seja a forma que este adote em cada caso concreto” (WEBER, 1991, p. 310).

Os fundadores são evocados como verdadeiros representantes divinos, desfrutando, junto aos fiéis, de um prestígio elevado. Geralmente, as pessoas se referem a eles como “uma bênção”, tomando as suas palavras como verdade absoluta, jamais questionada, pois são legitimadas pelos testemunhos de suas vidas. Para os fiéis, o que lhes confere este *status* é, principalmente, o fato de serem ungidos com os dons do Espírito Santo.

Para ser Shalom, é preciso seguir esse modelo e desenvolver os dons. E isso se consegue com perseverança e dedicação à obra, o que possibilita emergir talentos individuais, livremente revelados pela prática comunitária, religiosamente legitimada em termos de carisma. Mas, só se obtém tudo isso sendo perseverante e capaz de renunciar às coisas do mundo. A decisão de assumir um trabalho indica o compromisso com a fé através da tomada de consciência para se engajar eticamente no trabalho. A partir deste compromisso começa a transformação da pessoa para o estatuto de “ser Shalom”, com a consequente sensação de pertencer ao que designei como a “fortaleza do espírito”. Toda essa transformação é operada em uma comunidade que oferece proteção e sustenta uma dimensão de valorização simbólica capaz de fortalecer cada um de seus membros.

Considerações finais

Para Hervieu-Léger (1987), a RCC coloca em questão, de maneira mais ou menos implícita e, às vezes, muito explicitamente, as “leituras positivas” da realidade moderna e a estratégia pastoral que lhe corresponde. A insistência sobre a conversão, sobre a experiência sensível da mudança interior, traz nela mesma a condenação do “mundo”, com a qual os “fios de luz” não podem combinar. Para ser interior, a

ruptura com os falsos valores do mundo não deve ser menos total: ela implica estar no mundo “como não estando”. O convite do apóstolo é, sabe-se, suscetível de interpretações muito diversas, mas ele justifica, em todo caso, uma desconfiança na atenção das concepções do engajamento que alimenta a problemática tornada clássica da “presença cristã” no mundo, “esperando a salvação”. Existe no quadro carismático a atenção da “conquista em incumbência cristã” dessas “esperas coletivas”, alguma coisa do pessimismo do pentecostes histórico, frente a uma cotidianidade mundana, da qual é necessário ser arrancado para renascer em uma vida verdadeiramente nova: o batismo no Espírito sendo o momento de formalização dessa ruptura na trajetória do convertido.

No sentido sócio-antropológico aqui analisado, a inserção na comunidade cumpre um papel importante que enlaça o sujeito no apelo carismático por um mundo mais humanizado e participativo em termos religiosos. E, para isso, é preciso viver uma experiência de vida religiosa na qual não cabem mediações, “mergulhando nas coisas de Deus” e comprometendo-se em evangelizar o irmão, o que, aliás, é recomendado fazer diariamente, no trabalho, na família, na rua. Deve-se falar, sem pudor nem vergonha, com as pessoas sobre Deus e suas maravilhas, sendo multiplicador, “testemunho de Deus”. Este é o principal meio através do qual se trazem novos irmãos para a comunidade. Segundo a fala de um dos pregadores: “Se cada um evangelizar um irmão por dia, mudaremos Fortaleza”.

Este apelo vem substituir o espaço vazio deixado pelas tecnologias políticas (utopias, programas, modos de ação e estratégias). Os valores defendidos pela Renovação Carismática são baseados no ideal de fraternidade cristã, que torna os homens capazes de conviver em paz consigo e com os outros: “Shalom da paz”. Isso consegue estabilizar a vida, tanto em seus aspectos sociais quanto individuais, pois garante, simbolicamente, formas ideais de convivência social, pautadas em uma igualdade de valores éticos, morais e afetivos, que oferecem um suporte importante para se enfrentar as ameaças em que se constitui a sociedade moderna, ao mesmo tempo em

que atende às aspirações individuais, tornando-se o suporte afetivo para as pessoas, e recuperando as redes de pertença nas quais se construía a identidade do homem no passado.

Assim, nos agrupamentos do Shalom se constroem redes de pertença, onde muitos encontram renovação de sentido, de verdades e de práticas de vida, levando a uma conseqüente mudança na forma de atuar socialmente, segundo o modelo representado pelo “jeito Shalom de ser”. Embora a renovação seja um investimento pessoal que, como vimos, só depende do esforço de cada um, nesta caminhada ele não está só, pois conta com a ajuda do irmão. No discurso do Shalom, todos devem incentivar e orientar os que estão no início de sua caminhada. Assim, a caminhada se torna uma “pedagogia entre irmãos”, que funciona como uma dinâmica de construção de uma “nova pessoa”, no curso da qual ela recusa certos elementos, trocando-os por outros e onde re-elabora o sentido do sofrimento. E tem sempre alguém ao lado para ajudar, pois cada um tem seu formador pessoal. Também a convivência com os que se constituem como modelos de identificação favorece a modelação da conduta.

Cabe, agora, refletir sobre o tipo de sujeitos produzidos numa sociedade dirigida para o consenso, que evita o conflito no confronto com diferenças, e onde se funciona a partir de um modelo interpretativo único, quando se conta com tantas possibilidades criativas de interpretar a realidade. O novo, o inédito, o criativo se produz no confronto e no conflito de idéias, na possibilidade de dialogar com várias formas de pensamento. Ao se inscrever no interior de um sistema totalitário, retirando-se dos embates sociais e submetendo-se a prescrições inquestionáveis para obter proteção, parece que o que se busca é o refúgio na fortaleza representada pelo Shalom, e não o crescimento pessoal.

Para finalizar, desejo salientar que a tentativa de tamponar a dor e o mal-estar, seja por que via for, é um engodo que pode levar a sérias distorções, não apenas de si mesmo, mas principalmente da própria realidade social em que o sujeito está inserido, quando se cria um tipo de sociedade idealizada. Como

disse Freud (1930), não há nada de bom no idealismo, pois com um ideal o homem ilude a si mesmo e aos outros. Todo ideal é enganoso e enganador, o que significa que devemos desconfiar das promessas de felicidade que as instituições totalitárias apresentam. Por outro lado, agarrar-se a um ideal é um caminho, uma escolha, uma saída para a angústia, nem melhor nem pior que outras. E, para muitos, a única saída possível é refugiar-se na busca da verdade divina e submeter-se aos ensinamentos e às prescrições celestes, mesmo que em prejuízo de sua liberdade. Nesse caso, a liberdade mais importante, do ponto de vista do sujeito, é a de escolha. Se ele deseja permanecer aprisionado a um ideal, seja ele religioso, científico, romântico ou político, que escolha o que julga ser o melhor para si.

Notas

- 1 Este artigo é um recorte de minha tese de doutorado intitulada "Um novo católico: cura, emoção e reconstrução de identidades na Renovação Carismática Católica", apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, em 2005, cujo enfoque central é a questão da cura e o processo de extirpação ritual do sofrimento pela via da conversão à Renovação Carismática Católica (RCC). De fato, analisei o engajamento no discurso emocional da fé, detendo-me particularmente no Ministério de Cura da Comunidade Católica Shalom, que oferece atendimento aos aflitos e sofredores, através de um dispositivo de acolhimento onde as pessoas encontram conforto e orientação, bem como cura para os "males do espírito", a exemplo do que é referido em trabalhos como os de Marion Aubrée (2000), e Peter Fry e Gary Howe (1978), que analisam a afiliação pentecostal como resposta aos problemas de saúde, desemprego e dificuldades interpessoais. Na mesma linha, ver Aubrée (1978 e 1995). A Comunidade Shalom é a mais antiga e importante de Fortaleza e, também, a primeira comunidade da RCC no Ceará, sendo a segunda maior do Brasil, atrás apenas da Canção Nova. Ao longo desta pesquisa, observei que a Comunidade Católica Shalom, com sua estrutura organizacional, se desenvolveu como uma rede de pertença, onde muitos encontram renovação de sentido, de verdades e de práticas de vida, tendo como contrapartida a radicalidade do fiel, condição que se impõe para desfrutar das benesses que ele oferece.
- 2 Com mais de dois milhões de habitantes, a capital do Ceará é a cidade onde mais rapidamente crescem as comunidades carismáticas católicas de diversos tipos, contando hoje com grupos de renovação em todas as paróquias, conforme informação da coordenadora da Renovação Carismática.
- 3 Maneira como se referem os carismáticos ao seu percurso de engajamento na RCC.
- 4 Grandes encontros de milhares de fiéis, geralmente sediados em ginásios esportivos ou estádios de futebol. Em Fortaleza, são promovidos, anualmente, o Halleluya, o Renascer, o Queremos Deus, o Semear e o Desperta!, além de outros de menores proporções como o Renascerzinho, congressos de evangelização e os retiros promovidos pelas várias comunidades.
- 5 Foram gravadas 26 entrevistas: 16 com leigos carismáticos, 2 com padres, 2 com autoridades da RCC, em Fortaleza, e 6 com autoridades da Comunidade Shalom.
- 6 Depoimento de vida espontâneo por meio do qual a experiência com Deus é relatada, ressaltando as transformações pessoais que ela promove.
- 7 Professores e estudantes de teologia, de três universidades, reuniram-se em oração, acreditando que isso iria renovar sua fé. Receberam, então, a Efusão do Espírito Santo; isso forjou as bases do movimento que, no ano seguinte, se expandiu nos EUA e no mundo. (Sobre a origem e expansão da RCC, ver Herbrard, 1991; Csordas, 1992 e 1997c; Barros Jr., 1993; CNBB, 1994; Prandi & Souza, 1996; Benedetti 1988; Chagas, 1977; Miranda, 1999; Carranza, 2000; Maués, 1998; Oliveira, 1978; entre outros).
- 8 Segundo Herbrard, 1991, e Carranza, 2000, a RCC, no Brasil, sofreu mudanças que fizeram recusar este rótulo. Entretanto, utilizo esta expressão baseada em suas características.
- 9 Festa celebrada no quinquagésimo dia após a Páscoa. Os apóstolos estavam reunidos, esperando que se cumprisse a promessa de Jesus, quando o Espírito Santo desceu dos céus e os encheu com seu poder. Estes se puseram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia expressarem-se (Atos 2.1-13).
- 10 Termo que na RCC refere-se ao trabalho de líderes de comunidade e de grupos de oração.
- 11 Padre que se tornou famoso como cantor e autor da Aeróbica do Senhor, primeira de uma série de músicas que compôs, com enorme sucesso em vendas.
- 12 Utilizo, neste caso, o nome verdadeiro, pois se trata de uma figura pública conhecida. Em mir Nogueira foi coordenadora local da RCC, membro do Conselho Estadual e co-fundadora da Comunidade Shalom. Todos os demais nomes citados são fictícios, para resguardar a identidade dos informantes.
- 13 Aqui, utilizo também o nome verdadeiro do fundador, pois além de se tratar de uma figura pública, conhecida nos meios carismáticos, considero simbolicamente importante este nome, dada a referência a outro fundador, Moisés bíblico.
- 14 Projeto Juventude (Colégio Shalom), Shalom da Paz, Shalom de Fátima, Shalom Parquelândia e Projeto Família, cada um com uma sede própria, além das casas que abrigam as Comunidades de Vida. Existe ainda a casa da Administração Geral, espécie de governo geral que cuida da parte administrativa, sendo, inclusive, chamada pelos adeptos de Cambéba, em alusão à sede do governo do Estado.
- 15 Em Fortaleza, existem oito Comunidades de Fraternidade:

- Shalom, Obreiros da Tardinha, Face de Cristo, Anuncia-me, Recado, Corpo Místico, Corpo Místico de Cristo e Nova Evangelização.
- 16 A Comunidade Shalom é considerada a maior do Brasil em termos de presença no território nacional e internacional. Está presente em vinte e dois estados e possui sete missões fora do Brasil. É reconhecida pela Igreja como Associação Privada de fiéis, e visa a um futuro enquadramento canônico, no que hoje a Igreja chama de “Comunidades Novas”: Revista Shalom Maná, nº 114, agosto-setembro, 2002.
- 17 Uma emissora de rádio, uma emissora de televisão, uma editora e uma produtora de bens religiosos.
- 18 Micareta realizada na cidade de Fortaleza, no mês de julho. A micareta é uma espécie de carnaval de rua, que acontece em período diferente do carnaval oficial.
- 19 Essa designação é destinada a quem exerce a coordenação de um Grupo de Oração, Projetos ou Ministérios.
- 20 Querigma é o conteúdo da pregação apostólica primitiva, esquematicamente presente nos discursos de Pedro (Atos 2, 14-39; 3, 12-16; 4, 9-12; 5, 29-32; 10, 34-43) e em um de Paulo (Atos 13, 16-41). São temas querigmáticos, dentre outros: ensinamentos, milagres e a efusão do Espírito Santo, que contém um apelo à conversão. Para melhores esclarecimentos, ver Oliveira Júnior, 2000, p. 46.
- 21 O batismo no Espírito Santo acontece em rituais caracterizados por um clima emocional intenso, podendo provocar êxtase ou catarse, e é o momento em que se recebe, pela primeira vez, o Espírito Santo. O Espírito se manifesta através da glossolalia, da efusão do Espírito ou Repouso no Espírito, momentos marcados pelo abandono do fiel à experiência de êxtase religioso.
- 22 Identificação da comunidade Shalom.
- 23 No Estatuto da Comunidade, fica expresso que o estado de vida é, antes de tudo, um chamado ao pessoal, implicando uma missão em favor da Igreja e do mundo. O estado de vida de cada membro da Comunidade, seja ele o matrimônio, o celibato ou o sacerdócio, é o meio pelo qual se vive melhor a vocação de ser Shalom.
- 24 Leitura espiritual (divina), que consiste em ler o texto da Sagrada Escritura, passando, em seguida, à meditação, à contemplação e ao diálogo com o Senhor.
- 25 Ver, por exemplo, Jean Seguy, citado por Hervieu-Léger, 1999.
- nordeste brasileiro”. In Revista Brasileira de Ciências Sociais, (ANPOCS), 26 (1-2): 48-55.
- ____ (2000), “Les maladies nerveuses et leurs thérapeutiques populaires au Brésil. Nouveaux Brésil fin de siècle”. In, Caravelle, Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Bresilien. Toulouse, 75: 49-60.
- BARROS JR., F. de Oliveira. (1993). Queremos Deus na aldeia-Aldeota: a RCC na Arquidiocese de Fortaleza. Dissertação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BITTENCOURT, Estevão. Os Dons do Espírito Santo. Revista *Pergunte e Responderemos*, (S.1) nº 479, p. 163, 2002. Disponível em www.osb.org.br.
- CARRANZA, Brenda. (2000). Renovação Carismática Católica. Origens, mudanças e tendências. São Paulo: Editora Santuário Aparecida.
- CNBB. (1994), Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica.
- CSORDAS, Thomas J. (1992). “Religion and the world system: the pentecostal ethic and the spirit of monopoly capital”. In *Dialectical Anthropology*, 17, nº 1: 03-24.
- ____ (1997). *Language, Charisma, and Creativity: the Ritual Life of a Religious Movement*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.
- FREUD, Sigmund. (1930). “O Mal Estar na Civilização”. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FRY, Peter H. e G. N. HOWE. (1975). “Duas Respostas à Aflição: Umbanda e Pentecostalismo”. *Debate e Crítica, Revista de Ciências Sociais*, 6: 75-93.
- GAUDIN, Benoit. (2000). *Identités, carnaval et industrie de la culture dans le nordeste du Brésil: la micareta du Fortal*. Tese de doutorado, Université Aix – Marseille I. université de Provence.
- GEERTZ, Clifford. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- HALL, Stuart. (2001). *A Identidade na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A.
- HEBRARD, Monique. (1979). *Les Nouveaux Disciples. Voyage à travers les communautés charismatiques*. Paris: Editions du Centurion.
- ____ (1991). *Les Charismatiques*. Paris: Cerf.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. (1999). *Le Pèlerin et le Convert. La religion en mouvement*. Paris: Flammarion.
- ____ (1987). “Charismatic Catholicism et institution”. In

- LADRIÈRE, P. e LUNEAU, R. (dir.). *Le retour des certitudes – événements et orthodoxie après Vatican II*. Paris: Centurion.
- _____. “A transmissão religiosa na modernidade: elementos para a construção de um objeto de pesquisa”. In *Estudos de Religião*. São Paulo: Universidade Metodista, ano XIV, nº 18, jun. 2000, p. 39-54.
- HERVIEU-LÉGER, D e LADRIÈRE, P. (1990). *Christianisme et Modernité*. Paris: Cerf.
- MAUÉS, R. Heraldo. (1998). O Leigo Católico no Movimento Carismático em Belém do Pará. Trabalho apresentado no XXII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu (mimeo).
- MIRANDA, Júlia. (1999). *Carisma, Sociedade e Política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- PIERUCCI, A. F. e PRANDI, R. (1996). *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. (1978). “Análise Sociológica da Renovação Carismática Católica”. In OLIVEIRA, P. A. Ribeiro (et alii). *Renovação Carismática Católica*. Petrópolis: Vozes.
- NICOLAU, Roseane (2005). Um “Novo Católico”. Cura, emoção e reconstrução de identidades na Renovação Carismática Católica. Tese de doutorado, Universidade Federal do Ceará.
- SEGUY, Jean. (1993). L’approche Wébérienne des phénomènes religieux. In CIPRIANI, R. MACIOTI, M. (ed.) *Omaggio a Ferrarotti*, apud Hervieu-Léger.
- SIMMEL, Georg. (1971). “A metrópole e a vida mental”. In VELHO, Gilberto. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- _____. (1986). *El individuo y la libertad*. Barcelona: Península.
- WEBER, Max. (1921). *Economia e Sociedade. Fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Ed. UNB, 1991.
- “A Ciência como Vocação” (1963). In *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- Revista Shalom Maná, nº 114, agosto-setembro, 2002.
- Revista Ágape, ano XXII, nº 205.